

NEM LOUCURA, NEM BURRICE: ALGUMAS PISTAS SOBRE O DISPOSITIVO GROTESCO NAS POLÍTICAS DE EXTREMA-DIREITA

NEITHER MADNESS NOR STUPIDITY: SOME CLUES ABOUT THE GROTESQUE DEVICE IN FAR-RIGHT POLITICS

Jeferson Camargo Taborda¹

RESUMO

O artigo investiga algumas pistas sobre o dispositivo grotesco, estratégia que tem se tornado comum nas atuais políticas de extrema-direita. Na concepção foucaultiana, dispositivo trata-se dos mecanismos complexos e heterogêneos articulados a determinados jogos de poder e saber. A noção de grotesco também é derivada dos estudos deste autor e possuiria três características: discursos que fazem rir, a vontade de verdade e as políticas de morte. O objeto da investigação são algumas notícias veiculadas sobre as figuras políticas de Jair Bolsonaro, Javier Milei e Donald Trump. O estudo se encontra no campo da psicologia política e faz uso da chamada etnografia digital. O grotesco é tomado enquanto um potente dispositivo que tem modulado as relações de força e os regimes de saber no cenário político atual. As análises indicam que o dispositivo grotesco atua como uma estratégia necropolítica recorrente e que está maquinado diretamente com a racionalidade neoliberal.

Palavras-chave: psicologia política; grotesco; etnografia digital; dispositivo.

ABSTRACT

This article investigates some clues about the grotesque device, a strategy that has become common in current far-right politics. In Foucault's conception, the device refers to the complex and heterogeneous mechanisms articulated to certain games of power and knowledge. The notion of grotesque is also derived from the studies of this author and would have three characteristics: speeches that make people laugh, the will to truth and the politics of death. The object of the investigation is some news stories about the political figures of Jair Bolsonaro, Javier Milei and Donald Trump. The study is in the field of political psychology and uses the so-called digital ethnography. The grotesque is taken as a powerful device that has modulated the relations of power and

¹Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Docente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. Brasil. E-mail: jeferson.taborda@ufms.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1564-3212>

the regimes of knowledge in the current political scenario. The analyses indicate that the grotesque device acts as a recurring necropolitical strategy and that it is directly linked to neoliberal rationality.

Key words: political psychology; grotesque; digital ethnography; device.

Artigo recebido em: 30/03/2025

Artigo aprovado em: 27/05/2025

Artigo publicado em: 23/06/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5909>

INTRODUÇÃO

Durante a gestão de Jair Messias Bolsonaro, enquanto presidente do Brasil entre 2019 e 2022, acompanhamos a emergência de um estilo muito diverso do protocolo dos antigos presidentes brasileiros: os discursos, outrora pomposos e burocráticos, foram substituídos por termos do senso comum, deboches e palavrões de toda a ordem; adversários, fossem políticos, juristas ou jornalistas, tornaram-se alvos de insultos e humilhações públicas. No ano de 2023, quando Javier Milei foi eleito presidente da Argentina, as notícias que nos chegam seguem um estilo muito semelhante. Reaparecem o uso de termos chulos, assuntos bizarros, além do revival do fantasma do comunismo. Em 2024, o Brasil assistiu estarecido as acusações e até um ataque físico entre candidatos no debate televisivo para eleger o prefeito de São Paulo, maior cidade do Brasil. Por fim, no ano 2025, a reeleição de Donald Trump nos EUA (que já havia sido presidente entre 2017 e 2021) revelou estratégias muito semelhantes: perseguição a opositores, discursos megalomânicos e perseguições contra minorias. Poderiam ser citados outros casos, mas basta ficarmos com estes para perceber que há uma racionalidade estratégica sendo operada pela extrema-direita.

O argumento deste trabalho parte sobre a existência do dispositivo grotesco como parte da necropolítica neoliberal. Por mais bizarros e estranhos que possam parecer à primeira vista, é necessário compreender os mecanismos pelos quais o

dispositivo grotesco tem se tornado uma estratégia privilegiada pela extrema-direita. As acusações de loucura e burrice, muito proclamadas pelo campo progressista e por setores da esquerda em geral, ao mesmo tempo em que ignoram a existência das racionalidades presentes no grotesco parecem não conseguirem sair de análises do senso comum.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como principal estratégia a etnografia digital articulada aos estudos foucaultianos. A etnografia digital é uma modalidade de investigação que utiliza prioritariamente informações de ambientes virtuais. Segundo Oliveira (2018) trata-se de um recurso relativamente novo de pesquisa, derivado da ampliação do uso da internet, principalmente a partir dos anos 2000. Nesta modalidade podem ser analisados vários tipos de materiais, tais como fotos, vídeos, observação de grupos, entrevistas, etc. (Oliveira, 2018).

Na concepção foucaultiana, estes materiais podem ser entendidos como os enunciados de produções discursivas articuladas às relações de poder/saber de um determinado período histórico. O discurso é, portanto, sempre uma produção social, histórica e anônima, portanto, silenciosa e sutil (Foucault, 2013). Mas além das práticas discursivas há também as práticas não-discursivas, ou seja, técnicas de poder, performances, projetos arquitetônicos, protocolos ou outros elementos que não necessariamente são da ordem da discursividade. Daí a preferência aqui pela noção de dispositivos ao invés de discurso.

As notícias grotescas aqui analisadas são, portanto, entendidos como elementos concretos da realidade, discursivos e não-discursivos, e que em seu conjunto nos revela as relações de poder-saber em jogo no atual cenário político. Para esta pesquisa o foco serão as notícias sobre políticos da extrema-direita: ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, o atual presidente da Argentina, Javier Milei e o atual presidente dos EUA, Donald Trump, além de outros casos recentes.

A seleção das matérias foi por conveniência, procurando ser o mais heterogênea possível, onde foram privilegiadas notícias de jornais diversos, evitando focar num

único veículo de comunicação. A ideia é justamente demonstrar o quanto o dispositivo grotesco está pulverizado na mídia e, conseqüentemente, disseminado pela sociedade.

Este trabalho se enquadra dentro do campo da chamada psicologia política e procura contribuir com outras análises já realizadas como de Dutra e Silva (2022) e Hur (2021, 2024), assim como de Assunção e Oliveira (2024).

O GROTESCO COMO ANALISADOR

O grotesco, etimologicamente, deriva da palavra italiana *grotta*, designando as pinturas e ornamentos encontrados a partir de escavações em grutas no século XV. No início tratava-se de um substantivo do campo da arte, para designar essa mistura inusitada entre animais, humanos e coisas (Kayser, 1986).

À medida em que o grotesco passa a integrar outras áreas de conhecimento ele transcende a esfera da arte e deixa de ser apenas um substantivo e passa a ser utilizado também como um adjetivo. A partir desta proliferação e adjetivação, o grotesco passou a designar “[...] o contraste pronunciado entre forma e matéria (assunto), a mistura centrífuga do heterogêneo, a força explosiva do paradoxal, que são ridículos e horripilantes ao mesmo tempo.” (Kayser, 1986, p. 56). Veremos como o ridículo e o horripilante serão dois termos extremamente relevantes aqui para esta análise.

É neste sentido adjetivado que Michel Foucault se utiliza desta noção. Entre 1974 e 1975, no *College de France*, ele ministra o seu curso intitulado Os Anormais (Foucault, 2021), cuja influência remete diretamente a seu mestre Georges Canguilhem, o curso traça uma genealogia da noção de anormalidade, principalmente nas práticas médicas psiquiátricas.

O filósofo francês inaugurou este curso com a leitura de dois relatórios psiquiátricos do século XIX demonstrando uma íntima relação entre as inconsistências teóricas e seus efeitos políticos. Estes relatórios psiquiátricos eram uma mistura de

conceitos de psiquiatria com discursos moralistas e do senso comum. Abaixo um trecho de um dos relatórios lidos em seu curso:

Moralmente, é homossexual desde os doze ou treze anos, e esse vício, no começo, teria sido uma compensação para as zombarias de que era vítima quando, criança, criado pela assistência pública, estava na Mancha [o departamento frances - M.F]. Talvez seu aspecto afeminado tenha agravado essa tendência à homossexualidade, mas foi a ganância que levou X a praticar a chantagem. X é totalmente imoral, cénico, falastrão até. Há três mil anos, certamente teria vivido em Sodoma e os fogos do céu com toda justiça o teriam punido por seu vício. Devemos reconhecer que Y. [a vítima da chantagem - M.F] teria merecido a mesma punição. Porque, afinal de contas, ele é idoso, relativamente rico e não tinha nada mais a propor a X., senão instalá-lo numa boate de invertidos, de que ele seria o caixa, abatendo progressivamente o dinheiro investido na compra do estabelecimento. Esse Y, sucessiva ou simultaneamente amante masculino ou feminino, não se sabe, de X, causa desprezo e náusea X. ama Z. Só vendo o ar afeminado de um e de outro para compreender que tal palavra pode ser empregada quando se trata de dois homens tão afeminados que não é mais em Sodoma, mas em Gomorra, que deveriam viver (Foucault, 2021, p. 07).

Vendo que a leitura do relatório arrancava risos do público que o assistia, Foucault alerta que o grotesco é justamente essa mistura estranha entre o riso e a morte. Tais documentos definiam a vida dos sujeitos justamente pela pretensão de verdade científica que se almejava. Para este autor, estas são as características do grotesco: o risível, a produção da morte e a vontade de verdade.

Para analisar o riso grotesco e seus efeitos, Foucault utiliza a peça *Ubu Rei* de Alfred Jarry como analisador das relações de poder-saber envolvidas no discurso médico-psiquiátrico.

Ubu é uma sátira do homem burguês, em sua animalesca natureza, caracterizada pelo egoísmo e pela ganância. [...] *Ubu* é um fidalgo bem quisto pela nobreza polonesa. Ganancioso, se junta a amigos para conspirar contra o rei da Polônia, Venceslas, planejando sua morte. Após o assassinato do rei, *Ubu* se autoproclama rei da Polônia, e passa a realizar tudo o que desejava. Seu reinado transcorre com desprezo aos outros, sabotagem de apoiadores, realização de vontades absurdas, através de subterfúgios inteiramente egoístas (Jarry, 1896/2007 *apud* Dutra; Silva, 2022, p.89).

Pode-se dizer que o *ubuesco* é um efeito do dispositivo grotesco, constituído por esta fusão entre o risível, a morte e a pretensão do verdadeiro.

Veremos que as notícias veiculadas sobre Bolsonaro, Milei, Trump e outros contém estas características ao mesmo tempo em que são extremamente convenientes para a racionalidade neoliberal.

O GROTESCO COMO RACIONALIDADE DA EXTREMA-DIREITA

Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente, governou o Brasil entre 2019 a 2022. Ficou conhecido internacionalmente pela perspectiva negacionista adotada durante a pandemia da COVID-19 e que durante seu mandato chegou a quase 700 mil mortos. Seu discurso foi da recusa de máscaras, o incentivo a medicamentos sem eficácia, como a hidroxicloroquina, até a negação da eficácia das vacinas desenvolvidas (Taborda, 2023). Vale destacar que sua postura negacionista foi criticada inclusive por conservadores do parlamento europeu (G1, 2021).

Dentre as práticas grotescas durante a gestão da pandemia da COVID-19 de Bolsonaro, algumas destacam-se: “Não tomei a vacina. Quem quiser seguir o meu exemplo, que siga”, “se virar jacaré, é problema seu”, “a pressa da vacina não se justifica” (UOL, 2023). Ao mesmo tempo em que criticava as vacinas que estavam sendo produzidas por empresas de renome internacional, o ex-presidente incentivava o uso da cloroquina, medicamento sem nenhuma comprovação científica (UOL, 2023).

Vale também lembrar aqui o grotesco registro fotográfico do ex-presidente mostrando a caixa de cloroquina para as emas do palácio do planalto (Correio Brasiliense, 2020). Agindo como garoto propaganda do medicamento, constatou-se que no final de 2020, Bolsonaro havia defendido o uso do medicamento em 23 de seus discursos. Convém mencionar que um estudo recente acerca dos efeitos colaterais do uso indiscriminado da cloroquina durante a pandemia, aponta que o medicamento pode ter sido responsável pela morte de cerca de 17 mil pessoas em todo o mundo (UOL, 2024).

Outras duas cenas grotescas protagonizadas pelo ex-presidente: quando questionado por um jornalista sobre o número de mortos durante a pandemia, que passava de 300 mil pessoas, Jair Bolsonaro soltou: “eu não sou coqueiro, tá certo? Não sou coqueiro” (Poder 360, 2020). A segunda cena foi ainda mais insensível e deplorável: ao criticar a prática do isolamento e outras medidas contra o contágio, durante uma transmissão ao vivo (live) na qual ex-presidente imitou uma pessoa morrendo asfixiada, principal sintoma da COVID-19 (Poder 360, 2022).

Pelo fato do bizarro e do mórbido serem uma constante, já podemos adiantar que isso não é coincidência, antes algo próprio da racionalidade neoliberal. Estas e outras estratégias constantemente presentes no dispositivo grotesco serão melhor analisadas logo mais. Passo agora a descrição de outro caso.

Javier Milei, vitorioso na eleição de 2023 para a presidência da Argentina, é outro político da extrema-direita que ganhou destaque internacional igualmente pelo acionamento de dispositivos grotescos.

Ainda durante as eleições, Milei anunciava, em meio a uma das piores crises da Argentina e uma inflação exponencial, que caso fosse eleito faria o rompimento econômico com países estratégicos, como o Brasil e a China, por serem considerados comunistas (sic). Sua campanha foi regada por temas polêmicos indo desde a flexibilização da compra de armas, até a legalização do comércio de órgãos humanos (Veja, 2023).

Milei iniciou seu mandato assinando um polêmico megadecreto modificando cerca de 300 leis argentinas. Dentre os principais pontos se encontram a flexibilização de privatizações, a alteração do regime trabalhista, fim de diversos serviços públicos, dentre outros. A medida visava atingir toda a população e ameaçou o corte de 7.000 mil servidores públicos, o que desencadeou uma série de protestos e manifestações (Folha de São Paulo, 2023).

Tal como Bolsonaro, Milei também usa e abusa da exposição na mídia produzida por dispositivos grotescos. Uma das notícias mais bizarras é a de que

mandou clonar seu cachorro de estimação e, depois de morto, dizia conversar com ele a partir de uma médium (Extra, 2023).

Formado em Economia, Milei defende uma bandeira econômica igualmente controversa de ultradireita conhecida como anarcocapitalismo. Sabe-se que o Anarquismo foi um dos mais importantes movimentos revolucionários de esquerda na Europa do século XIX, inclusive no Brasil no início século XX, e mesmo com inúmeras variações e tendências, têm como principal lema o fim do Estado e da propriedade privada. Derivado dos ideais do neoliberalismo, gestado a partir de 1950, o chamado Anarcocapitalismo defende igualmente o fim do Estado, mas com a ampla soberania do livre-mercado e do individualismo, ou seja, a grande utopia capitalista (Lagasnerie, 2013).

Vale ainda destacar que a alcunha “Ancap”, adotada pelos autodenominados anarcocapitalistas como Javier Milei, está sempre associada a termos como Incels, red pill, MGTOWN, discursos que misturam coach, misoginia e ódio às diferenças (Stefanoni, 2022).

Milei participa de eventos geek onde posa para fotos fazendo cosplay se fantasiando de “super-herói libertário” (Poder 360, 2023). Importante frisar que uma das imagens preferidas por Milei e seus seguidores tem sido a motosserra, simbolizando os ‘cortes’ e o “fim” do Estado.

A espetacularização da imagem, tal como discutido por Debord (1997), é outro recurso muito utilizado pelo dispositivo grotesco. Tal como Bolsonaro, Milei busca se distanciar da imagem de político tradicional e fugir dos protocolos. O presidente argentino tem como marca registrada o penteado extravagante e desgrenhado, quando, por exemplo sobe no palco e participa ativamente de shows de rock, promovidos por organizações de direita, seus discursos são permeados por palavrões e termos chulos, sendo seu principal o bordão “viva a libertad, carajo!” (Diário de Pernambuco, 2023).

Pode-se perceber que a singularidade estética, a ênfase na personalidade individual, tem sido uma das estratégias mais comuns do dispositivo grotesco. “Fale mal mais fale de mim” torna-se o *modus operandi* (Hur, 2024).

Convém mencionar também outros dois casos que revelam o acionamento dos dispositivos grotescos. Um destes foram os debates eleitorais para a prefeitura de São Paulo. O pleito realizado no ano de 2024, por si só já chamava a atenção do Brasil: além de ser a cidade mais rica e com o maior número de habitantes no país, com mais de 11 milhões (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – [IBGE], 2022), a eleição da prefeitura de São Paulo é um importante sinal dos rumos da política a nível nacional. Mas o que realmente chamou a atenção nos debates televisivos foi o grotesco. Desde o início tiveram xingamentos e ameaças, o que já era um grande indicador deste dispositivo. No entanto, a despeito de tudo o que ocorria, o ápice foi a cadeirada que o candidato José Luiz Datena (PSDB) lançou em Pablo Marçal (PRTB). (Porto, Vieira, 2024). A imagem imediatamente “viralizou” em noticiários de todo o país.

Um último caso que convém mencionar foi a reeleição de Donald Trump nos Estados Unidos, cujo mandato inicia em 2025. Mesmo enfrentando inúmeros processos judiciais, indo desde a compra de silêncio de uma ex-atriz pornô até a incitação à tentativa de tumultuar as eleições, em 2021, conseguiu a reeleição para presidente (Brasil de Fato, 2024).

Desde então, diversos mecanismos grotescos foram acionados tais como a ameaça de anexar a Groenlândia aos EUA ou o perdão a 1.500 invasores do Capitólio (Souza, 2025). Vale lembrar que a invasão do Capitólio, tentativa de golpe de estado nos EUA realizada por apoiadores de Trump ocorrida em 2021, foi um prenúncio da tentativa de golpe de estado que viria a acontecer em Brasília, durante 8 de janeiro de 2022. Assistimos ao vivo e em cores verde e amarela o dispositivo grotesco em pleno funcionamento.

A semelhança entre estes importantes acontecimentos demonstra a existência de profundas conexões e que merecem ser analisadas. A seguir veremos como o

grotesco pode ser um importante analisador para compreender quais estratégias e jogos de poder estão envolvidos.

NEM LOUCURA, NEM BURRICE: PISTAS SOBRE O DISPOSITIVO GROTESCO DA EXTREMA-DIREITA

Vimos que o grotesco, tal como discutido por Foucault (2001), tem como principais características a morte, o risível e a vontade de verdade. Nas matérias selecionadas sobre estas figuras emblemáticas, em especial em Bolsonaro, Milei e Trump, é fácil observar a presença ubíqua da morte em seus discursos e práticas. Ela pode ser incitada pela lógica do fazer viver e deixar morrer, no sentido foucaultiano. Isso ficou muito visível durante a pandemia da COVID-19 pela atitude dos gestores adeptos do bolsonarismo que não apenas ignoravam as medidas contra o contágio de doenças, como eram críticos destas (Autor, ano de publicação).

O corte de recursos e investimentos em políticas públicas, como enfatizado por Milei, é outra medida de deixar morrer, visto que atinge, sobretudo, as populações historicamente vulnerabilizadas. Portanto, o dispositivo grotesco afeta diretamente a saúde de diferentes populações: quanto mais vulnerável, mais afetada.

No caso de Trump, dentre outros decretos, tem-se a perseguição em massa aos imigrantes ilegais e a ameaça de enviá-los à prisão na base militar de Guantánamo. Lembrando que a base militar é conhecida mundialmente pela violência e denúncia de atrocidades (BBC, 2025).

Além da prática de deixar morrer, é visível neste tipo de gestão a produção política de mortes, aquilo que o filósofo Mbembe (2018) denomina como necropolítica. A incitação à morte pode ter como alvo inimigos reais ou imaginados, podendo ser tanto mediante a guerra propriamente dita como pela flexibilização da compra de armas por civis. Essa produção política da morte fica evidente na noção ficcional de inimigo matável (Mbembe, 2018).

Um exemplo de prática necropolítica foram os interesses armamentistas explícitos na gestão Bolsonaro: “novos registros de armas feitas à Polícia Federal quadruplicaram em 4 anos. Passaram de 51.027 em 2018 para 204.314 no ano passado” (O Popular, 2022). Javier Milei e Donald Trump, coerentes com os discursos armamentistas, igualmente são defensores da flexibilização do uso de armas por civis.

A necropolítica se tornou igualmente visível com a flexibilização dos garimpos ilegais, durante a gestão Bolsonaro. Um estudo mostrou que cerca de 5.600 indígenas Yanomamis podem ter sido contaminados pela Covid-19 por conta do garimpo ilegal (Instituto Socioambiental, 2020). Para se ter uma ideia, apenas em terras indígena do povo Yanomami haviam cerca de 20 mil garimpeiros ilegais. Precisamos então lembrar, conforme Mbembe (2018), que dentre as estratégias privilegiadas da necropolítica estão a fragmentação territorial, a soberania vertical (ocupação do espaço terrestre e aéreo) e a sabotagem das redes de infraestrutura social e urbana.

Mas o dispositivo grotesco não é apenas mórbido, ele é também cômico. Como vimos, há uma constante produção de situações bizarras. Aproximar a morte ao tom de brincadeira pode torná-la mais sutil e inclusive mais sedutora. Pode-se então lembrar aqui, por exemplo, a discussão de Philippe Ariès (2003), sobre como artistas e religiosos do século XVIII e XIX abusavam do tema da morte como uma forma sutil para evocar o erotismo dos corpos nus. Em suma, é possível cogitar que a produção política da morte se torna menos pesada e séria quando atravessada pelo riso e pelo absurdo.

O grotesco ao mesmo tempo em que mescla elementos heterogêneos, como a morte e o riso, também satiriza a si mesmo. Não por acaso o ex-presidente Bolsonaro ganhou a alcunha de Bozo, palhaço muito famoso na televisão durante os anos 90. Milei e Trump são igualmente satirizados pelas estéticas estranhas, o primeiro pelos cabelos e o segundo por seu tom de pele alaranjado. O grotesco “representa a ambivalência do cômico e do trágico em formas irresolutas, e se torna uma sátira do

que quer que representa, encerrando em si o absurdo, a tensão, a incoerência” (Dutra; Silva, 2022, p. 90).

O filósofo Henri Bergson fez uma interessante análise sobre o riso (2020) que vale a pena trazer para este debate. Segundo seu estudo, a primeira característica do riso é estar sempre relacionado ao que é humano: os objetos, os animais e as paisagens só são objetos de riso quando lembram expressões ou questões humanas, caso contrário, não revelam nada de cômico. Rimos, portanto, da humanidade projetada. O segundo aspecto diz respeito a insensibilidade. Conforme Bergson (2020), o riso só é possível quando há uma suspensão da piedade, ou seja, é preciso um distanciamento da situação para ela se tornar engraçada. Isso pode ocorrer quando vemos alguém cair, no início pode ser hilário, mas se vemos que a pessoa em questão se machucou gravemente e precisa de nossa ajuda, o riso acaba imediatamente. A terceira característica é o caráter grupal. O riso é sempre um produto coletivo, endereçado e compartilhado junto a outros humanos. “O riso deve ter uma significação social.” (Bergson, 2020, p. 09).

Aliado a estas três características é possível também articular aqui um preceito muito caro a Deleuze e Guattari (2011), o de que nenhum enunciado é isolado. Podemos então observar que as piadas de Bolsonaro, mesmo as de extremo mal gosto como quando imitou uma pessoa morrendo de Covid, era endereçada a seus seguidores (Poder 360, 2022). O riso grotesco parece ter exatamente estas características: a falta de sensibilidade aos dramas humanos ao mesmo tempo em que é legitimada e compartilhada entre os pares. É isso o grotesco, a mistura mortífera entre o ridículo e o horripilante (Kayser, 1986).

Além da morte e do risível, a terceira característica do grotesco é a vontade de saber. Por conta das inúmeras atitudes bizarras produzidas por uma figura tão simbólica quanto o presidente de um país, tornou-se muito comum ouvirmos, tanto dentro quanto fora da academia, a acusação de loucura e de burrice. Este tipo de acusação além de reducionista e individualizante (Hur, 2024) parece não conseguir

alcançar a racionalidade dos jogos de poder-saber implícitos no dispositivo grotesco enquanto estratégia micropolítica.

Sempre se tem o hábito de falar da ‘burrice’ da burguesia. Pergunto-me se o tema da burrice burguesa não é um tema para ‘intelectuais’: estes imaginam que os comerciantes são limitados, os endinheirados são cabeçudos e os que estão no poder são cegos. A salvo dessa crença, aliás, a burguesia é de uma inteligência notável. A lucidez e a inteligência dessa classe, que conquistou e manteve o poder nas condições que conhecemos, produzem realmente efeitos de burrice e cegueira, mas onde, a não ser precisamente na comunidade dos intelectuais? É possível definir os intelectuais como aqueles sobre os quais a inteligência da burguesia produz efeito de cegueira e burrice (Foucault, 2015, p. 151-152).

Não se deve esquecer que os políticos que acionam o dispositivo grotesco são, antes de tudo, figuras públicas que garantem sua hegemonia a partir daquilo que aparentam às massas, no sentido maquiavélico do termo.

Além disso, acusá-los de loucos ou burros deixam escapar o gigantesco *lobby* de mercados bilionários, como a já citada indústria bélica, o garimpo ilegal, mas também a indústria farmacêutica, no caso da cloroquina, entre tantas outras.

Tomar estes atos como mera loucura ou burrice também ignora a racionalidade de fenômenos como o chamado “gabinete do ódio”, articulado inclusive a uma complexa rede produtora de *fake news* (Said, 2024).

Por tudo isso, podemos afirmar que o riso produzido pelo dispositivo grotesco trata-se, antes de tudo, de estratégia psicopolítica. Se vivemos num capitalismo da emoção, tal como enuncia Han (2018), a psicopolítica é inerente à racionalidade grotesca que tem como uma de suas principais funções confundir os adversários.

Hur argumenta que tanto Milei quanto Bolsonaro seguem à risca uma estratégia conhecida como heurística de acessibilidade (Tverskis; Kahneman, 1973 *apud* Hur, 2021). Tratam-se de discursos públicos que usam habilmente imagens ou símbolos para desviar o foco das atenções. Também conhecido como cortina de fumaça, a heurística de acessibilidade tem sido tão eficiente que tende a mobilizar tanto apoiadores quanto adversários:

[...] se no mesmo momento o Governo privatiza uma companhia energética, diminui o valor do auxílio emergencial, cria uma espécie de orçamento paralelo de R\$ 3 bilhões de reais, e fala que se uma pessoa tomar a vacina pode virar jacaré; pela heurística de acessibilidade as pessoas se lembrarão da imagem mais intensa, ou dissonante, que é a hipótese absurda de uma pessoa virar jacaré com a vacina da COVID-19 (Hur, 2021, p. 204).

Algo muito semelhante aconteceu quando viralizaram notícias bizarras de Milei sobre conversas mediúnicas com seu cachorro clonado ou quando propôs a legalização da venda de órgãos humanos. Estas notícias conseguiram mais repercussão que o megadecreto que atingia mais de 300 artigos das leis argentinas com graves e profundos efeitos em setores estruturais da sociedade.

Por fim, vale mencionar as políticas grotescas acionadas por Trump. O país que passa por uma grave crise econômica e cuja dívida alcança 36 trilhões de dólares (UOL, 2025), assiste ao segundo mandato de Trump destilando ódio contra as mais diversas minorias. Dentre os alvos principais, se destacam as pessoas trans e os imigrantes ilegais no país.

Já nas primeiras semanas do seu segundo mandato, o presidente proibiu a participação de mulheres trans em esportes femininos e nos alistamentos militares. Também o encerramento de tratamento hospitalar e a ameaça de alteração da prisão para as alas masculinas (Veja, 2025; Raymond, 2025).

Relembrando, a necropolítica não precisa causar diretamente a morte, tal como ocorre com a prática da pena de morte. Um mecanismo muito mais eficiente e sutil é abandonar uma determinada população à própria sorte ou colocá-la em situações onde uma vida minimamente digna seja impossível (Mbembe, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos temos acompanhado a extrema-direita usar e abusar dos dispositivos grotescos. Mas isso não é novidade. Poderíamos lembrar aqui do candidato Enéas Carneiro, que ainda nos anos 90, priorizava a estética da barba

enorme e o discurso rápido, eufórico e conservador que, dentre outras promessas, anunciava a necessidade do Brasil construir bomba atômica (G1, 2007). Ou então do palhaço Tiririca que em 2010, em sua primeira candidatura, foi eleito o deputado federal mais votado do país com 1,3 milhão de eleitores, e que tinha o seguinte slogan: “você sabe o que faz um deputado federal? Eu também não sei, vote em mim que eu te conto” (Pereira, 2011).

Apesar da existência do dispositivo grotesco há um longo tempo, talvez a principal novidade foi vermos ele sair do papel de coadjuvante para o de protagonista. É certo que a popularização das redes sociais ampliou e muito esta estratégia, “viralizando” vídeos e memes, ganhando a capa de jornais e revistas, assim como horários nobres na grande mídia.

Por outro lado, ainda é comum acompanharmos intelectuais e figuras públicas progressistas ou ligados à esquerda repetindo discursos da simples loucura ou do absurdo. Além de redundar em argumentos psicopatologizantes e individualizantes, trazem pouca ou nenhuma contribuição efetiva à discussão social e política (Hur, 2021). Conforme a etnografia digital realizada foi possível observar em inúmeras notícias o acionamento das racionalidades envolvidas nos dispositivos grotescos.

Por fim, vale mencionar que o neoliberalismo, enquanto necropolítica, é o saber que sustenta a vontade de verdade dos casos analisados. Na racionalidade neoliberal pode-se encontrar o amálgama para o dispositivo grotesco, discursos e práticas que ao mesmo tempo em que faz rir, incita a morte e pretende-se como saber o único e verdadeiro.

A perseguição às minorias e o abandono à morte não são atitudes de líderes loucos ou simplesmente idiotas, como se fosse um simples equívoco das estratégias de um determinado governo. Antes de tudo tratam-se de condutas estrategicamente arquitetadas e direcionadas para determinados fins. Tratam-se de precisam ser vistos como importantes mecanismos necropolíticos presentes no dispositivo grotesco.

Conforme Foucault (1977), o fascismo não está longe e distante, ele nos atravessa a todo momento quanto mais se deseja e ama o poder. Talvez o dispositivo grotesco esteja muito mais próximo do que desejaríamos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Ediouro Publicações, 2003.

ASSUNÇÃO, C. J. O.; OLIVEIRA, E. A. “Imbrochável, incomível e imorrível”: Uma análise do bolsonarismo à luz das masculinidades. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 7, n. 22, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16164>

BERGSON, Henry. **O Riso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BRASIL DE FATO. Donald Trump é reeleito presidente e extrema direita volta ao poder nos Estados Unidos. **Brasil de Fato**. São Paulo, 06 nov. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/06/donald-trump-e-reeleito-presidente-e-extrema-direita-volta-ao-poder-nos-estados-unidos>

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.

FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **A sociedade punitiva**. Curso no Collège de France (1972-1973). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

G1. Bolsonaro é alvo de críticas em debate no Parlamento Europeu da pandemia na América Latina. **G1 Mundo**. 04 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/29/bolsonaro-e-alvo-de-criticas-em-debate-no-parlamento-europeu-da-pandemia-na-america-latina.ghtml>

G1. Enéas defendia construção da bomba atômica. **G1 Política**. 06 de maio de 2007. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL32310-5601,00-ENEAS+DEFENDIA+CONSTRUCAO+DA+BOMBA+ATOMICA.html>

HAN, B.-C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

HUR, D. Discursos sobre a retórica governamental de Bolsonaro: louco, genocida, necroliberal ou cortina de fumaça? **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 61. 190-2010. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46546/25120>

HUR, D. O Idiota como estratégia governamental em tempos extremistas: Milei e Bolsonaro. **Lugar Comum**, n. 69. 150-170. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/63808>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**. São Paulo. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. O impacto da pandemia na Terra Indígena Yanomami: #ForaGarimpoForaCovid. Relatório. **Instituto Socioambiental**. 2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/publicacoes-isa/o-impacto-da-pandemia-na-terra-indigena-yanomami-foragarimpoforacovid>

O POPULAR. Importação, porte e registro de armas disparam sob Bolsonaro. **Cidades**. 23 jan. 2022. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/importac-o-porte-e-registro-de-armas-disparam-sob-bolsonaro-1.2391278>

PEREIRA, J. Tiririca: “Como não prometi nada na campanha, o que eu fizer é lucro”. **O Globo**. 3 de novembro de 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/tiririca-como-nao-prometi-nada-na-campanha-o-que-eu-fizer-lucro-2701843>

PODER 360. Bolsonaro sobre número de mortes por coronavírus: “não sou coveiro”. **Poder 360**. 20 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-coronavirus-nao-sou-coveiro/>

PODER 360. Assista aos 2 vídeos com Bolsonaro imitando ter falta de ar. **Poder 360**. 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/assista-aos-2-videos-com-bolsonaro-imitando-ter-falta-de-ar/>

PORTO, D.; VIEIRA, J. Debate para a Prefeitura de SP é marcado por acusações e agressão; saiba como foi. **CNN**. 16 de setembro de 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/debate-para-a-prefeitura-de-sp-e-marcado-por-acusacoes-e-agressao-saiba-como-foi/>

RAYMOND, N. Juiz dos EUA impede governo Trump de transferir detenta trans para prisão masculina. **Terra**. 30 de janeiro de 2025. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/mundo/juiz-dos-eua-impede-governo-trump-de-transferir-detenta-trans-para-prisao-masculina,f2be8eac63e346cd9225914b027deefdb1r1zl4t.html?utm_source=clipboard

SAID, F. Integrantes do chamado “gabinete do ódio” estão entre indiciados. **Metrópoles**. 21 de novembro de 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/integrantes-do-chamado-gabinete-do-odio-estao-entre-indiciados>

SOUZA, L. V. D. Trump renomeia Golfo do México e perdoa invasores do Capitólio. **Metrópoles**. 21 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/mundo/trump-decretos>

STEFANONI, P. **A rebeldia tornou-se de direita?**: como o antiprogressismo e a anticorreção política estão construindo um novo sentido comum (e por que a esquerda deveria levá-los a sério). Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

TABORDA, J. Recusa ao uso de máscaras na pandemia da COVID-19: uma análise a partir da noção de influência social. In: LEMOS, F. C. S.; SENHORAS, E. M. (orgs). **Psicologia Social: Temas & Contextos**. Boa Vista: Editora IOLE, 2023. Disponível em: <https://editora.ioles.com.br/index.php/iole/catalog/view/186/349/566-1>

UOL. Cloroquina matou 17 mil pessoas na 1ª onda da covid, diz estudo. **Coluna Jamil Chade**. 05 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/01/05/cloroquina-pode-ter-matado-17-mil-pessoas-na-1a-onda-da-covid-diz-estudo.htm>

UOL. “Se virar jacaré, é problema seu”: o que Bolsonaro já disse sobre vacinas. **Política**. 03 de maio de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/03/jair-bolsonaro-vacina-covid-19.htm?cmpid=copiaecola>

UOL. Com dívida de US\$ 36 trilhões, Estados Unidos congelam gastos públicos. Estados Unidos. **AFP**. 17 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2025/01/17/com-divida-de-us-36-trilhoes-estados-unidos-congelam-gastos-publicos.htm>

VEJA. Quem é Javier Milei, radical de direita e líder das primárias na Argentina.

Mundo. 14 de agosto de 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/quem-e-javier-milei-radical-de-direita-e-lider-das-primarias-na-argentina>

VEJA. Trump proíbe participação de mulheres trans em esportes femininos.

Redação. 05 de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/trump-proibe-participacao-de-mulheres-trans-em-esportes-femininos>